

A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*

Walter Benjamin

As belas-artes e seus diferentes gêneros datam de um tempo bem diferente do nosso, no qual o poder dos homens sobre as coisas e sobre suas relações era insignificante em face do que possuímos hoje. O extraordinário crescimento que os nossos meios experimentaram em suas habilidades de adaptação e precisão impõem significativas mudanças, em futuro próximo, à antiga indústria do belo. Em todas as artes há um aspecto físico que não pode mais ser considerado ou tratado como no passado, pois não pode mais se furtar aos efeitos da ciência e da práxis moderna.

Matéria, espaço e tempo não são mais o que eram há vinte anos. Inovações tão colossais, que alteram o conjunto das técnicas artísticas, acabam por influenciar a própria invenção e talvez terminem por modificar da forma mais extraordinária o próprio conceito de arte.

Paul Valéry, *Pièces sur l'art*. Paris, p. 103-104
("A conquista da ubiquidade")

Preâmbulo

Quando Marx empreendeu a análise do modo de produção capitalista, este ainda estava nos primórdios. Marx conduziu sua investigação de tal modo que ela adquiriu o valor de um prognóstico. Partindo das relações fundamentais do modo capitalista, descreveu-as de forma a tornar possível antever o que o futuro nos reservaria. O capitalismo tendia a intensificar cada vez mais a exploração do proletariado e, por fim, criar as condições necessárias à sua abolição.

Como as mudanças na superestrutura ocorrem muito mais lentamente do que aquelas na infraestrutura, foi preciso mais de meio século para que as mudanças ocorridas nas condições de produção

* Tradução da última versão de "Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit", em *Gesammelte Schriften*, t. I, p. 471-508, por Marijane Lisboa.

repercutissem nos diversos terrenos da cultura. Só hoje é possível observar como isso aconteceu. Podemos fazer alguns prognósticos a partir dessas observações. Não se trata, porém, de teses sobre a arte do proletariado após a tomada do poder e muito menos sobre a arte em uma sociedade sem classes, mas sobre o desenvolvimento das artes nas atuais condições de produção. A dialética dessas condições não é menos perceptível na superestrutura que na economia. Por isso seria um equívoco subestimar o valor dessas teses para a luta política. Elas deixam de lado conceitos consagrados, como criatividade, genialidade, validade eterna e mistério, conceitos cujo emprego incontrolado (e atualmente de difícil controle) conduz à elaboração do material fático em sentido fascista. *Os novos conceitos que introduzimos na teoria da arte distinguem-se dos anteriores porque não podem ser usados para objetivos fascistas. Em compensação, podem ser úteis à formulação de exigências revolucionárias.*

I

Em princípio, a obra de arte sempre foi suscetível de reprodução. O que seres humanos fazem pode ser imitado por outros. Os estudantes copiavam obras como forma de se exercitar, os mestres as reproduziam para divulgá-las, e finalmente outras pessoas as copiavam para ganhar com isso. Diferentemente, as técnicas de reprodução são um fenômeno novo, que ocorre ao longo da história de forma intermitente, em momentos espaçados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Os gregos só conheciam dois métodos de reprodução técnica de obras de arte, a fundição e a cunhagem. As únicas obras que reproduziram em série foram os bronzes, as terracotas e as moedas. Todas as outras consistiam em exemplares únicos, que não podiam ser tecnicamente reproduzidos. Com a xilogravura, pela primeira vez foi possível reproduzir tecnicamente desenhos, e levou algum tempo até que a escrita também pudesse ser reproduzida por meio da imprensa. Conhecemos as notáveis mudanças introduzidas na literatura pela tipografia, ou seja, pela reprodução técnica da escrita. Mas seu surgimento foi um caso particular, embora muito importante, de um processo his-

tórico muito mais amplo. Depois da xilogravura, aparecem durante a Idade Média a gravura em metal e a água-forte, e no início do século XIX, a litografia.

Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse processo, muito mais preciso, que se diferencia por transpor o desenho sobre a pedra, em vez de entalhá-lo na madeira ou gravá-lo em metal, permitirá às artes gráficas, pela primeira vez, não só reproduzir obras de forma ampla, como elas já faziam, mas trazer todos os dias novas criações ao mercado. Graças à litografia, as artes gráficas puderam ilustrar a vida cotidiana e se situar no mesmo nível da imprensa. Mas a litografia será superada pela fotografia poucas décadas depois de ser descoberta. Com a fotografia, pela primeira vez a mão é dispensada das tarefas artísticas essenciais nos processos de reprodução de imagem, que agora cabem exclusivamente ao olho que vê por meio da objetiva. Como o olho capta com mais rapidez do que a mão é capaz de desenhar, acelerou-se extraordinariamente o processo de reprodução de imagens, que passou a acompanhar a própria fala. O câmara grava no estúdio as imagens que serão filmadas na mesma velocidade em que o ator fala. Da mesma forma que o jornal ilustrado já se encontrava virtualmente presente na litografia, o mesmo se dava com o cinema falado em relação à fotografia. No fim do século XIX, enfrentou-se o problema da reprodução técnica do som. Esses esforços convergentes fizeram com que fosse concebível uma situação que Paul Valéry caracterizou da seguinte forma: “Assim como a água, o gás e a corrente elétrica são trazidos à nossa casa por meio de gestos quase imperceptíveis para nos servirem, também nos serão fornecidos quadros e sequências sonoras capazes de surgir de um mínimo gesto, de um sinal, para logo em seguida nos abandonar.”¹

No século XIX a reprodução técnica atingiu tal grau, que não só abarcou o conjunto das obras de arte existentes e transformou profundamente o modo como elas podiam ser percebidas, mas conquistou para si um lugar entre os processos artísticos. Para estudar tal evolução, nada pode ser mais instrutivo do que examinar como suas duas manifestações distintas – a reprodução da obra de arte e o cinema – repercutiram nas formas tradicionais de arte.